

CASOS ANÔMALOS EM CONCHAS DE MOLUSCOS GASTRÓPODOS NO BRASIL

Henry Ramos Matthews ⁽¹⁾

Helena Cirino Matthews ⁽²⁾

Patrícia Rodrigues de Carvalho Pinheiro ⁽³⁾

Laboratório de Ciências do Mar
Universidade Federal do Ceará
Fortaleza — Ceará — Brasil

Existem poucas referências, na bibliografia, sobre casos anômalos em conchas de moluscos no Brasil. Durante coletas efetuadas num período de aproximadamente 15 anos, um dos autores obteve várias conchas que apresentam anomalias, às vezes muito acentuadas.

O referido material consta de 12 famílias e 12 gêneros, divididos em 15 espécies. Alguns destes casos ocorrem com relativa frequência, como em *Fusinus frenguelli* (Carcelles, 1953), com canal sifonal duplo, e *Xancus laevigatus* (Anton, 1839), com eixo da columela apresentando uma curvatura; outros casos são extremamente raros, como *Cypraea zebra* Linnaeus, 1758, com protuberâncias na volta corporal.

O material no qual estes registros são baseados se acha depositado nas Coleções Malacológicas do Laboratório de

Ciências do Mar da Universidade Federal do Ceará (LABOMAR) e da Escola Superior de Agricultura de Mossoró, do Ministério da Educação e Cultura (ESAM).

ESPÉCIES EXAMINADAS

Astraea phoebia Röding, 1798
(figura 1)

Astraea phoebia Röding, 1798, *Mus. Bolt.*, p. 79, n.º 1036.

Trochus longispina Lamarck, 1822, *Anim. s. Vert.*, vol. 7, p. 10, n.º 2.

Trochus latispina Philippi, 1844, *Abbild. Conch.*, vol. 1., pl. 4, p. 90, pl. 3, fig. 2.

Astraea phoebia Röding, 1798: Warmke & Abbott, 1962, pp. 47-48, pl. 8, fig. g.

Espécie comum no litoral nordeste do Brasil, habitando águas rasas, geralmente sendo encontrada em substrato rochoso, em poças de maré. Sua distribuição está registrada desde o Estado do Piauí até o Estado de Santa Catarina, incluindo o Arquipélago de Fernando de Noronha (Rios, 1975).

Concha coletada em 26 de julho de 1972, em 2 m de profundidade, na Praia de Paripe (Bahia), depositada na Coleção Malacológica do Laboratório de

(1) Professor Titular, Departamento de Zootecnia, Escola Superior de Agricultura de Mossoró, Ministério da Educação e Cultura. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

(2) Estudante de Ciências Biológicas. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) junto ao Laboratório de Ciências do Mar, Universidade Federal do Ceará.

(3) Estudante de Engenharia de Pesca. Estagiária junto ao Laboratório de Ciências do Mar, Universidade Federal do Ceará.

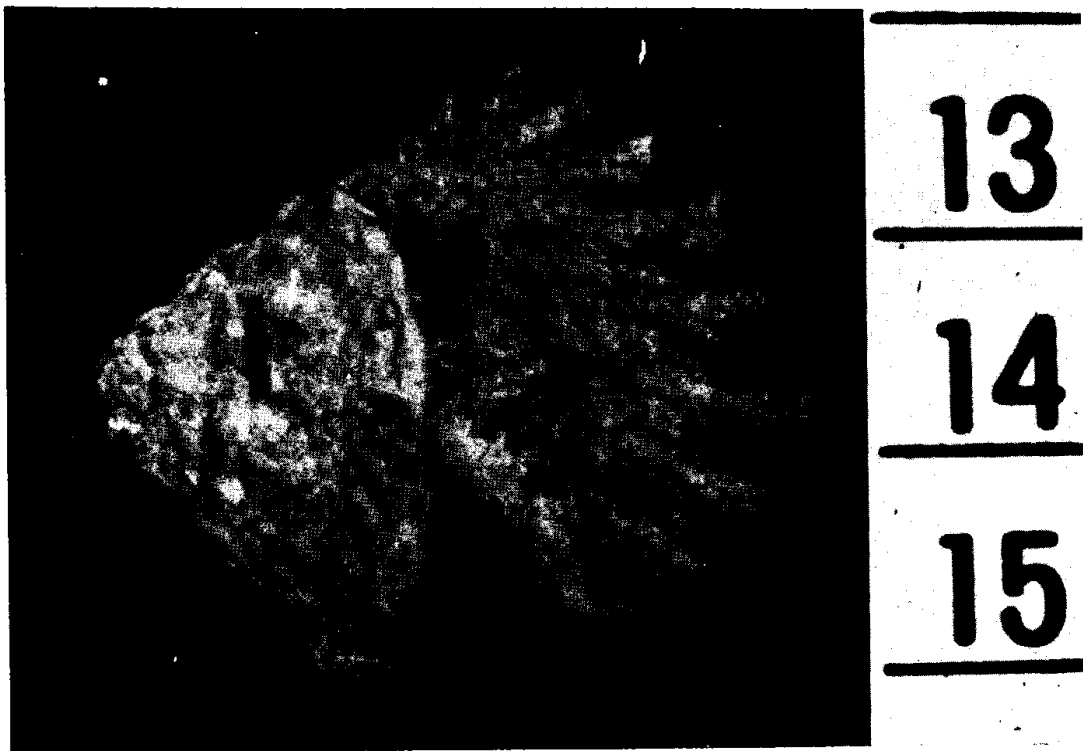


Figura 1 — Vista dorsal de *Astraea phoebia* Röding, 1798.

Ciências do Mar, sob n.º 435. Pertencia a um indivíduo adulto medindo 30 mm de comprimento e com 4 voltas, sendo que entre a terceira e quarta voltas, a sutura se desloca, deixando assim um espaço entre estas, com conseqüente deslocamento da abertura.

Strombus costatus Gmelin, 1791
(figura 2)

Strombus costatus Gmelin, 1791, *Syst. Nat.*, vol. 1, part. 6, p. 3520.

Strombus accipitrinus Lamarck, 1822, *Anim. s. Vert.*, vol. 7, p. 200.

Strombus inermis Swainson, 1822, *Appendix of Bligh Catalogue*, p. 7.

Strombus (Tricornis) costatus Gmelin, 1791: Matthews, 1976, pp. 42-47, figs. 3a - g.

A espécie se distribui ao longo da costa brasileira desde o Estado do Maranhão até o Estado do Rio de Janeiro, incluindo a Ilha da Trindade. É encontrada na parte inferior da plataforma

continental do Nordeste brasileiro, geralmente em profundidades maiores que 40 m, habitando nos claros de areia existentes entre os fundos formados por algas calcáreas (Melobesieae, Rhodophyceae).

Concha coletada em 27 de fevereiro de 1966, com pagurídeo, em 12 m de profundidade, ao largo de Cabo Frio (Rio de Janeiro), depositada na Coleção Malacológica do Laboratório de Ciências do Mar, sob n.º 440. Pertencia a um indivíduo adulto, medindo 135,4 mm de comprimento e com 8 voltas na teleoconcha. Nota-se que a sutura, entre a sexta e sétima voltas separa-se da teleoconcha, ocasionando uma deformação em todo o dorso da concha, a qual apresenta uma compressão lateral, a sutura sendo muito irregular.

Cypraea zebra Linnaeus, 1758

Cypraea zebra Linnaeus, 1758, *Syst. Nat.*, ed. 10, n.º 291, p. 719.



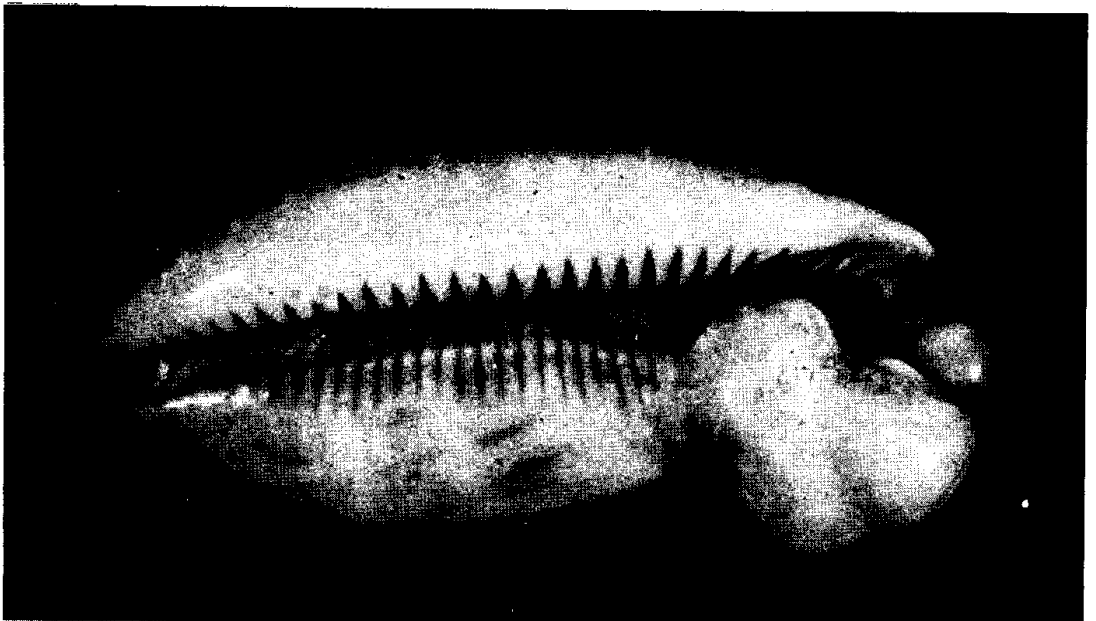
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23

Figura 2 – Vista dorsal de *Strombus costatus* Gmelin, 1791.

Cypraea exanthema Linnaeus, 1767, *Syst. Nat.*, ed. 12, n.º 325, p. 1172.
Cypraea (Cypraea) zebra dissimilis Schil-der, 1924, *Arch. Naturg.*, vol. 90, div. A, n.º 4, p. 194.
Cypraea (Macrocyprea) zebra Linnaeus, 1758: Matthews, 1967a, p. 16, fig. 1.

Esta espécie parece ser pouco abundante ao largo da costa do Estado do Ceará. Possui, no entanto, ampla distribuição geográfica, desde o Pará até Santa Catarina (Rios, 1975). Sua concha é geralmente encontrada presa aos tentáculos de cefalópodos e, quando isto acontece, usualmente apresenta um pequeno orifício (raramente, dois) na parte posterior da columela, causado pela mandíbula do predador. Vive em águas limpas, rasas, em substrato de areia próximo a recifes.

Concha coletada em 23 de setembro de 1962, pescada em 12 m de profundidade, ao largo da Praia de Peroba (Mu-



11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22

Figura 3 – Vista ventral de *Cypraea zebra* Linnaeus, 1758.

nicípio de Maxaranguape, Rio Grande do Norte), depositada na Coleção Malacológica do Laboratório de Ciências do Mar, sob n.º 434. Pertencia a um indivíduo adulto, com as plissas da columela e do lábio externo, bem como a camada polida dorsal, já formadas, medindo 91,9 mm de comprimento. No terço anterior do lábio interno, surge uma projeção em forma de tubérculo que alcança a face dorsal da concha, atingindo também o canal sifonal anterior, o qual apresenta uma concreção subsférica, na sua extremidade (figura 3).

Concha coletada em 23 de setembro de 1962, pescada em 20 m de profundidade, ao largo da Praia de Peroba (Município de Maxaranguape, Rio Grande do Norte), depositada na Coleção Malacológica do Laboratório de Ciências do Mar, sob n.º 436. Pertencia a um indivíduo adulto, com as plissas da columela e do lábio externo, bem como a camada polida dorsal, já formadas, medindo 76,1 mm de comprimento. Na face ventral da concha, logo ao lado do lábio interno, surge uma projeção subtriangular dirigida para a sua parte anterior; uma outra concreção se projeta acima do lábio externo, menor e posterior à primeira, lembrando um "espinho" ou "tumor agudo".

Cypraea cinerea Gmelin, 1791

Cypraea cinerea Gmelin, 1791, *Syst. Nat.*, ed. 13, n.º 16, p. 3402.

Cypraea sordida Lamarck, 1810, *Ann. Mus.*, vol. 16, n.º 22, p. 90.

Cypraea fragilioides Hidalgo, 1906, *Mon. Liv. Cyp.*, n.º 79, pp. 356-358.

Cypraea (Luria) cinerea Gmelin, 1791: Matthews, 1967a, vol. 7, n.º 1, pl. 16, fig. 3.

A espécie é bastante comum em toda a plataforma continental do Norte e Nordeste do Brasil, onde tem uma larga distribuição geográfica, desde o Território do Amapá até a Bahia (Rios, 1975).

No Estado do Ceará esta espécie é freqüentemente encontrada no tubo digestivo do pacamon, *Amphichthys cryptocentrus* (Valenciennes, 1837) — Matthews (1968). Ocorre somente em águas profundas e limpas, entre 30 e 50 m, sob pedras ou em recifes de coral.

Concha coletada em 12 de maio de 1964, no tubo digestivo de um pacamon pescado a 40 m de profundidade, ao largo da Praia do Mucuripe (Fortaleza-Ceará), depositada na Coleção Malacológica do Laboratório de Ciências do Mar, sob n.º 441. Pertencia a um indivíduo adulto, com as plissas da columela e do lábio externo, bem como a camada polida dorsal, já formadas, medindo, no entanto, apenas 14 mm de comprimento. O tamanho normal para os adultos desta espécie é de cerca de 25 mm de comprimento (Matthews, 1967a).

Concha coletada em 16 de abril de 1965, no tubo digestivo de um pacamon pescado em 36 m de profundidade, ao largo da Praia do Mucuripe (Fortaleza-Ceará), depositada na Coleção Malacológica do Laboratório de Ciências do Mar, sob n.º 448. Pertencia a um indivíduo jovem, ainda no estágio de crescimento denominado "bulla", medindo, no entanto, 25 mm de comprimento, tamanho usual para indivíduos adultos desta espécie (Matthews, 1967a).

Concha coletada em 5 de setembro de 1966, no tubo digestivo de um pacamon pescado em 40 m de profundidade, ao largo da Praia do Mucuripe (Fortaleza-Ceará), depositada na Coleção Malacológica do Laboratório de Ciências do Mar, sob n.º 450. Pertencia a um indivíduo jovem, ainda no estágio de crescimento denominado "bulla", medindo 25 mm de comprimento, tamanho usual para indivíduos adultos desta espécie. A concha possui ainda, no lábio interno, próximo à face dorsal, uma variz ainda não encoberta pelo calo da volta corporal.

Concha coletada em 5 de setembro de 1966, no tubo digestivo de um pacamon pescado em 42 m de profundidade,

ao largo da Praia do Mucuripe (Fortaleza-Ceará), depositada na Coleção Malacológica do Laboratório de Ciências do Mar, sob n.º 449. Pertencia a um indivíduo adulto, possuindo as plissas da columela e do lábio externo, bem como a camada dorsal, com calo polido. No entanto, a concha mede 15,7 mm de comprimento, quando o tamanho normal para um indivíduo adulto desta espécie é cerca de 25 mm.

Cypraea spurca acicularis Gmelin, 1791

Cypraea acicularis Gmelin, 1791, *Syst. Nat.*, ed. 13, p. 3421.

Cypraea spurca acicularis Gmelin, 1791: Warmke & Abbott, 1962, p. 92, pl. 16, fig. i.

Cypraea spurca acicularis Gmelin, 1791: Matthews, 1967a, pp. 15-16, fig. 5.

Cypraea spurca acicularis Gmelin, 1791: Burgess, 1970, pp. 156-157, pl. 16, fig. 1.

Esta subespécie é muito comum na plataforma continental brasileira, apresentando ampla distribuição geográfica, desde o Pará até São Paulo (Rios, 1975). No Ceará, a subespécie é freqüentemente encontrada no tubo digestivo do pacamon. Pode ser coletada em profundidades entre 20 e 140 m, habitando bancos de areia, cascalho e lama (Rios, 1975).

Concha coletada em 6 de abril de 1965, no tubo digestivo de um pacamon pescado em 40 m de profundidade, ao largo da Praia do Mucuripe (Fortaleza-Ceará), depositada na Coleção Malacológica do Laboratório de Ciências do Mar, sob n.º 438. Pertencia a um indivíduo adulto, com as plissas da columela e do lábio externo, bem como a camada polida dorsal, já formadas, medindo, no entanto, apenas 12,5 mm de comprimento. O tamanho normal para os adultos desta subespécie é cerca de 25 mm (Matthews, 1967a).

Concha coletada em 8 de dezembro de 1966, no tubo digestivo de um pacamon pescado em 35 m de profundidade,

ao largo da Praia do Mucuripe (Fortaleza-Ceará), depositada na Coleção Malacológica do Laboratório de Ciências do Mar, sob n.º 447. Pertencia a um indivíduo adulto com as plissas da columela e do lábio externo, bem como a camada polida dorsal, já formadas, medindo, entretanto, apenas 13,2 mm de comprimento.

Cassis tuberosa (Linnaeus, 1758)

Buccinum tuberosum Linnaeus, 1758, *Syst. Nat.*, ed. 10, p. 735.

Cassis tuberosa Linné: Clench, 1944, pp. 11 - 12, pl. 6.

Cassis tuberosa Linné, 1758: Warmke & Abbott, 1962, p. 98, pl. 1, fig. b.

Cassis tuberosa (Linnaeus, 1758): Matthews & Coelho, 1972, pp. 2 - 5, fig. 1.

A espécie é bastante comum em todo o Nordeste brasileiro sendo encontrada em fundos de areia, em pequena profundidade. Sua ocorrência para o Estado do Ceará já havia sido registrada (Kempff & Matthews, 1968) e sua distribuição geográfica se entende desde o Maranhão até a Bahia (Rios, 1975).

Concha coletada em 18 de julho de 1964, em 6 m de profundidade, na Praia do Mucuripe (Fortaleza - Ceará), depositada na Coleção Malacológica do Laboratório de Ciências do Mar, sob n.º 453. Pertencia a um indivíduo ainda na fase jovem, medindo 12 mm de comprimento e com 7 voltas. Na parte dorsal da volta corporal, há sinais de extensa avaria produzida no exoesqueleto, o qual foi cicatrizado. O crescimento da concha estacionou, tendo o manto coberto a parte dorsal da concha com o calo columelar. O calo acha-se muito mais desenvolvido, partindo da área cicatrizada em direção ao lábio externo da concha; no sentido contrário, ou seja, em direção à variz da face ventral, apenas uma fina camada foi formada, a qual deixa uma pequena área da parte ventral não coberta. Próximo à cicatriz, o calo apresenta plissas que corresponderiam à columela, e estende-se

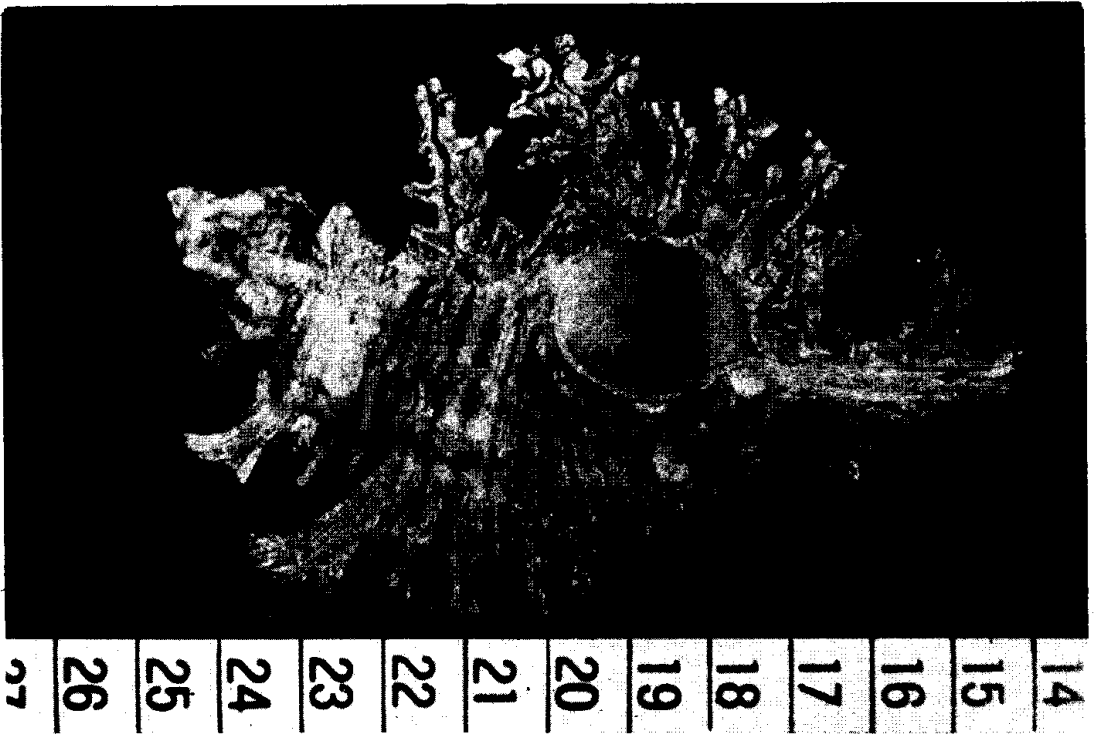


Figura 4 — Vista ventral de *Murex spectrum* Reeve, 1846.

em direção à parte anterior da concha, fechando a extremidade dorsal do canal sifonal inalante.

Cymatium pileare (Linnaeus, 1758)

Murex pileare Linnaeus, 1758, *Syst. Nat.*, ed. 10, p. 749.

Cymatium (Septa) pileare (Linnaeus, 1758): Clench & Turner, 1957, pp. 216 – 220, pl. 122, figs. 1 – 3, pl. 123.

Cymatium (Septa) pileare Linné, 1758: Warmke & Abbott, 1962, pp. 100 – 101, pl. 2, fig. 2a.

Esta espécie é tipicamente litorânea, bastante comum em acidentes do substrato rochoso, na costa continental do Nordeste do Brasil (Ceará – Alagoas) (Rios, 1975).

Exemplar coletado em 10 de fevereiro de 1966, em 8 m de profundidade, na Praia do Mucuripe (Fortaleza – Ceará), depositado na Coleção Malacológica do Laboratório de Ciências do Mar, sob n.º

431. Trata-se de um indivíduo ainda na fase jovem, medindo 41,8 mm de comprimento e com 6 voltas na teleoconcha. A partir da penúltima volta, nota-se um desvio da columela de cerca de 45° para o lado esquerdo, em relação ao eixo da columela. Este desvio torna-se muito mais conspícuo na última volta, já que esta é totalmente exposta.

Murex spectrum Reeve, 1846
(figura 4)

Murex spectrum Reeve, 1846, *Conch. Icon.*, vol. 3, pl. XXXVI, fig. 187.

Murex spectrum Reeve, 1846: Sowerby, 1879, pl. 384, fig. 51.

Murex (Chicoreus) argo Clench & Farrant, 1945 (*nom. nov.*), pp. 31–32, fig. 17.

Esta espécie é bastante rara. Apenas um pequeno número de conchas foi por nós obtido, todas apanhadas em covos utilizados na pesca da lagosta, onde foram introduzidas por pagurídeos. Sua

ocorrência no Brasil já havia sido registrada por Matthews (1967c).

Concha coletada em 27 de abril de 1967, em 8 m de profundidade, ao largo da barra do Rio Maxaranguape (Rio Grande do Norte), em covo utilizado na pesca de lagostas, introduzidas por pagurídeos. Depositada na Coleção Malacológica do Laboratório de Ciências do Mar, sob n.º 470. Trata-se de uma concha de indivíduo adulto, medindo 125 mm de comprimento e com 7 voltas da teleoconcha. O canal sifonal anterior e a parte anterior da volta do corpo apresentam um desvio de cerca de 50° em relação ao eixo inicial da columela. Logo nas primeiras voltas da espira, nota-se o início deste desvio, o qual fica um pouco obliterado por cada uma das voltas seguintes. Somente na espira e canal sifonal anterior é que o fenômeno torna-se mais conspícuo.

Pisania pusio (Linnaeus, 1758)

Murex pusio Linnaeus, 1758, *Syst. Nat.*, ed. 10, p. 745.

Pisania pusio Linné: Abbott, 1954, p. 233, pl. 13, fig. o.

Pisania pusio Linné, 1758: Warmke & Abbott, 1962, p. 117, pl. 21, fig. e.

A espécie é bastante abundante na costa do Brasil, com exceção do Estado do Rio Grande do Sul, ocorrendo praticamente em toda área intertidal rochosa (Rios, 1975). Habita sob pedras, na parte inferior da zona intertidal, bem como em pedras em pequenas profundidades.

Concha coletada em 14 de fevereiro de 1971, em 2 m de profundidade, na Praia do Mucuripe (Fortaleza — Ceará), depositada na Coleção Malacológica do Laboratório de Ciências do Mar, sob n.º 462. Pertencia a um indivíduo adulto, medindo 30 mm de comprimento. O lábio externo é bastante espesso e apresenta na sua margem, aproximadamente na metade de seu comprimento, uma projeção dirigida para fora, a qual formou um verdadeiro ombro na concha, tendo surgido na penúltima volta e tornando-se

ainda mais conspícuo na volta corporal.

Fusinus frenguelli (Carcelles, 1953)

Fusinus frenguelli (Carcelles, 1953), *Com. Zool. Mus. H. Nat. Montev.*, vol. 4, n.º 70, p. 16.

Fusinus frenguelli (Carcelles, 1953): Rios, 1975, p. 105, pl. 30, fig. 445.

A espécie ocorre no Leste e no Sul do Brasil, sendo encontrada desde o Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul. Pode ser coletada em profundidades entre 30 e 160 m, habitando fundos de areia e lama (Rios, 1975).

Exemplar coletado em 12 de abril de 1969, a 40 m de profundidade, ao largo de Tramandaí (Rio Grande do Sul), depositado na Coleção Malacológica do Laboratório de Ciências do Mar, sob n.º 433. Trata-se de um indivíduo adulto, medindo 76,7 mm de comprimento e com 8 voltas na teleoconcha. Apresenta no canal sifonal anterior uma bifurcação que divide sua extremidade anterior em 2 canais.

Exemplar coletado em 7 de maio de 1968, em 60 m de profundidade, ao largo de Solidão (Rio Grande do Sul), depositado na Coleção Malacológica do Laboratório de Ciências do Mar, sob n.º 442. Trata-se de um indivíduo adulto, medindo 85,7 mm de comprimento e com 8 voltas na teleoconcha. Ocorreu no canal sifonal anterior uma bifurcação que o dividiu em dois, vindo a formar um ângulo oblíquo entre si.

Exemplar coletado em 27 de março de 1969, em 50 m de profundidade, ao largo de Tramandaí (Rio Grande do Sul), depositado na Coleção Malacológica do Laboratório de Ciências do Mar, sob n.º 443. Trata-se de um indivíduo adulto, medindo 85,3 mm de comprimento, apresentando 8 voltas na teleoconcha. O canal sifonal anterior apresenta-se sinuoso, dirigindo-se durante o crescimento, alternadamente, para lados opostos, e não para a parte anterior, como seria normal.

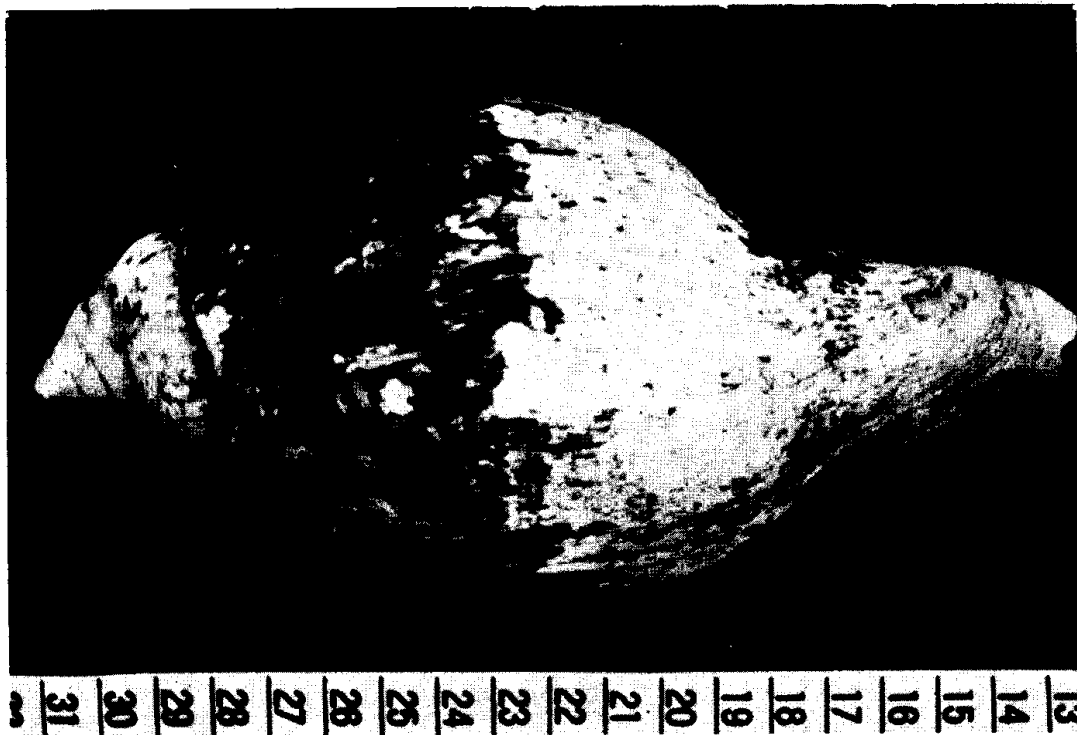


Figura 5 — Vista dorsal de *Xancus laevigatus* (Anton, 1839).

Xancus laevigatus (Anton, 1839)
(figura 5)

Turbinella laevigata Anton, 1839, *Verzeich. Conchyl.*, p. 71.

Turbinella ovoidea Kiener, 1841, *Icon. Coq. Viv. Genre Turbinelle*, vol. 7, p. 4.

Xancus laevigatus (Anton, 1839): Abbott, 1950, pp. 207 — 208, pl. 9, figs. 1 — 2.

Xancus laevigatus (Anton, 1839): Matthews, 1967d, pp. 143 — 145, figs. 1 — 4.

Esta espécie é endêmica do Brasil. Sua distribuição geográfica está registrada desde o Território do Amapá até o Estado do Espírito Santo (Rios, 1975). Usualmente é encontrada em locais de pouca profundidade em substrato de areia ou areia/lama, sendo bastante abundante (Matthews, 1967d).

Concha coletada em 4 de junho de 1964, em 6 m de profundidade, na Praia do Titã (Fortaleza — Ceará) por covo

utilizado na pesca de lagostas, introduzida por pagurídeo. Depositada na Coleção Malacológica do Laboratório de Ciências do Mar, sob n.º 439. Trata-se de uma concha de indivíduo adulto, medindo 190,0 mm de comprimento e com 8 voltas na teleoconcha. Este apresenta em sua espira um desvio de cerca de 40°, iniciado à altura da 3.ª volta, onde nota-se uma cicatriz, indício de regeneração da concha durante seu crescimento e que resultou em tal desvio.

Ancilla matthewsi Burch & Burch,
1967

Ancilla matthewsi Burch & Burch, 1967, *Nautilus*, vol. 80, n.º 3, pp. 81 — 82, 1 fig.

Ancilla matthewsi Burch & Burch, 1967: Kempf & Matthews, 1968, p. 93.

Ancilla matthewsi Burch & Burch, 1967: Rios, 1975, p. 331, pl. 33, fig. 474.

A espécie é considerada como endêmica do Norte e Nordeste do Brasil (Pará

— Paraíba). Ocorre em águas profundas, entre 20 e 85 m, onde habita substrato de algas calcáreas. (Melobesieae, Rhodophyceae).

Concha coletada em 4 de janeiro de 1968, no tubo digestivo de um pacamon pescado a 25 m de profundidade, ao largo da Praia do Mucuripe (Fortaleza — Ceará), depositada na Coleção Malacológica da Escola Superior de Agricultura de Mossoró.

Trata-se de uma concha de indivíduo adulto, medindo 18 mm de comprimento, totalmente albina, apresentando uma superfície lisa e brilhante, típica das espécies pertencentes a este gênero.

Voluta ebraea Linnaeus, 1758

Voluta ebraea Linnaeus, 1758: *Syst. Nat.*, ed. 10, p. 733.

Voluta ebraea Linnaeus, 1758: Clench & Turner, 1964, pp. 143 — 146, pls. 82, 83, 86 e 87.

Voluta ebraea Linnaeus, 1758: Weaver & du Pont, 1970, p. 3, pls. 1C — D e 2 (alto), figs. 1a — d.

A espécie é muito abundante em todo o Norte e Nordeste brasileiros, regiões onde é endêmica, distribuindo-se entre os Estados do Pará e Bahia. É encontrada habitando bancos de areia nas proximidades de corais (Rios, 1975).

Concha coletada em 20 de dezembro de 1964, a 40 m de profundidade, ao largo da Praia do Mucuripe (Fortaleza — Ceará) por covo utilizado na pesca de lagostas, onde foi introduzida por pagurídeo. Depositada na Coleção Malacológica da Escola Superior de Agricultura de Mossoró.

Trata-se de uma concha de indivíduo adulto, medindo 105 mm de comprimento, em perfeito estado. Quanto à ornamentação, notam-se apenas as linhas axiais e espirais em cada volta da teleoconcha, assim distribuídas: anterior ao ombro das voltas, apenas linhas espirais; posterior ao ombro, apenas linhas axiais;

nenhuma das manchas características da espécie são visíveis, embora a concha apresente coloração e brilho naturais.

Adelomelon ancilla (Lightfoot, 1786)

Voluta ancilla Lightfoot, 1786, *A Catalogue of the Portland Museum*, p. 137, n.º 3061.

Voluta magellanica Lamarck, 1811, *Ann. Mus. d'Hist. Nat.*, vol. 17, p. 69 (nom *Voluta magellanica* Gmelin, 1791).

Adelomelon ancilla Solander: Clench & Turner, 1964, pp. 152 — 154, pls. 82 — 83.

Adelomelon ancilla (Lightfoot, 1786): Weaver & du Pont, 1970, pp. 102 — 103, pls. 42A, B e C.

A espécie se distribui da região Sul do Brasil até o Estreito de Magalhães (Rios, 1975). Pode ser coletada em profundidades entre 55 e 212 m, habitando fundos de lama.

Concha coletada em 10 de março de 1968, em 70 m de profundidade, ao largo da Praia de Torres (Rio Grande do Sul), depositada na Coleção Malacológica do Laboratório de Ciências do Mar, sob n.º 430. Pertencia a um indivíduo adulto medindo 78,9 mm de comprimento e apresentando 6 voltas na teleoconcha. Entre a 5.^a e 6.^a voltas, ocorre um deslocamento da sutura, o que torna o lábio externo afastado do corpo da concha.

Concha coletada em 22 de dezembro de 1969, em 80 m de profundidade, ao largo da Praia de Torres (Rio Grande do Sul), depositada na Coleção Malacológica do Laboratório de Ciências do Mar, sob n.º 445. Pertencia a um indivíduo adulto, medindo 86,7 mm de comprimento e apresentando 6 voltas da teleoconcha. Entre a 5.^a e 6.^a voltas, a sutura é deslocada, levando parte da volta corporal para longe da teleoconcha, com conseqüente deslocamento da abertura.

Concha coletada em 8 de maio de 1970, em 80 m de profundidade, ao largo da Praia de Torres (Rio Grande do Sul), depositada na Coleção Malacológica

do Laboratório de Ciências do Mar, sob n.º 455. Pertencia a um indivíduo adulto, medindo 68,3 mm de comprimento e apresentando 6 voltas da teleoconcha. Entre a 5.^a e 6.^a voltas, ocorre um deslocamento da sutura, surgindo uma depressão que vai separar o lábio externo e o início do lábio interno do restante do corpo da concha.

Conus regius Gmelin, 1791

Conus regius Gmelin, 1791, *Syst. Nat.*, ed. 13, p. 3379.

Conus regius Gmelin, 1791: Clench, 1942, pp. 3 – 5, pl. 3, figs. 1 – 4.

Conus regius Gmelin, 1791: Van Mol, Tursch & Kempf, 1967, pp. 249 – 250, fig. 12, pl. 9, figs. 2a e b.

A espécie se distribui entre os Estados do Pará, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Bahia, Arquipélago de Fernando de Noronha e Ilha da Trindade (Rios, 1975). Aparece ser mais abundante no Estado da Bahia e no Arquipélago de Fernando de Noronha. É frequentemente encontrada habitando fundos rochosos e bancos de corais, sendo muito abundante em poças de maré nas zonas intertidais do Arquipélago de Fernando de Noronha, onde atinge grande tamanho (Matthews & Kempf, 1970).

Concha coletada em 17 de março de 1963, em poça da zona intertidal, na Praia de Air France (Ilha de Fernando de Noronha), habitada por pagurídeo. Depositada na Coleção Malacológica do Laboratório de Ciências do Mar, sob n.º 437.

Trata-se de uma concha de indivíduo adulto, medindo 54,4 mm de comprimento, e com 6 voltas da teleoconcha; entre a 5.^a e 6.^a voltas, a sutura afasta-se do corpo da concha, o que torna o dorso deste exemplar mais alto que o dos indivíduos adultos normais, ocorrendo ainda, em consequência, um alargamento da parte posterior da abertura.

OBSERVAÇÕES

No gênero *Cypraea* Linnaeus, 1758, ao contrário do que sucede com os outros gêneros de moluscos, ocorrem indivíduos anômalos com certa freqüência e, segundo Sarasua (1968), se considera o Oceano Pacífico e muitas de suas ilhas como a região onde é mais comum este tipo de ocorrência. No Nordeste do Brasil, onde *Cypraea cinerea* Gmelin, 1791, e *Cypraea spurca acicularis* Gmelin, 1791 são bastante abundantes, indivíduos anões destas duas espécies são ocasionalmente encontrados.

Na espécie *Cassis tuberosa* Linnaeus, 1758, o exemplar que registramos no presente trabalho constitui-se o único caso anômalo no gênero do qual os autores têm conhecimento.

Na espécie *Ancilla matthewsi* Burch & Burch, 1967, conchas de indivíduos albinos não são muito raras, ocorrendo em cerca de 2% dos exemplares examinados. Esta espécie é endêmica do Norte e Nordeste do Brasil.

Na espécie *Voluta ebraea* Linnaeus, 1758, o exemplar a que nos referimos constitui-se o único obtido com características anômalas, dentre um imenso número de exemplares examinados. Esta espécie também é endêmica do Norte e Nordeste do Brasil.

Na espécie *Adelomelon ancilla* (Lightfoot, 1786), a anomalia a que nos referimos aparece com relativa freqüência, geralmente na 6.^a volta da teleoconcha, próximo ao lábio externo.

Exemplares de *Fusinus frenguelli* (Carcelles, 1953) com anomalia no canal sifonal anterior, também, são relativamente freqüentes.

Quanto a *Murex spectrum* Reeve, 1846, os autores desconhecem qualquer citação sobre caso idêntico ao aqui registrado.

SUMMARY

English title: Cases of anomaly in conchs of gastropod molluscs in Brazil.

Few cases of anomalous molluscan are registered for Brazil in the literature. During about 15 years of collecting, the authors obtained a few specimens of gastropod shells which present some anomalies. Amongst this material, the following species were encountered: *Astraea phoebia* Röding, 1798, *Strombus costatus* Gmelin, 1791, *Cypraea zebra* Linnaeus, 1758, *Cypraea cinerea* Gmelin, 1791, *Cypraea spurca acicularis* Gmelin, 1791, *Cassis tuberosa* (Linnaeus, 1758), *Cymatium pileare* (Linnaeus, 1758), *Murex spectrum* Reeve, 1846, *Pisania pusio* (Linnaeus, 1758), *Fusinus frenguelli* (Carcelles, 1953), *Xancus laevigatus* (Anton, 1839), *Ancilla matthewsi* Burch & Burch, 1967, *Voluta ebraea* Linnaeus, 1758, *Adelomelon ancilla* (Lightfoot, 1786), and *Conus regius* Gmelin, 1791. Their anomalies are described.

The most conspicuous cases, like the ones observed in the shell of the species *Astraea phoebia* Röding, 1798, *Strombus costatus* Gmelin, 1791, *Cypraea zebra* Linnaeus, 1758, *Murex spectrum* Reeve, 1846, *Xancus laevigatus* (Anton, 1839), are illustrated.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Abbott, R.T. — 1950 — The genera *Xancus* and *Vasum* in the Western Atlantic. *Johnsonia*, Cambridge, 2 (28): 201-218, pls. 89-95.
- Abbott, R.T. — 1954 — *American Seashells. A guide to the shells of the Atlantic, Pacific and gulfshores of the United States and Canada, Central America, and the Island of the United States and Canada, Central America, and the Islands of the Caribbean*. D. Van Nostrand Co. Inc., 541 p., 100 text-figs., 40 pls., Princeton.
- Abbott, R.T. — 1968 — *Seashells of North America. A guide to the field identification*. Golden Press, 280 p., illus., New York.
- Burch, J.O. & R.L. Rose — 1967 — A new *Ancilla* from Brazil. *Nautilus*, Philadelphia, 80 (3): 81-82, 2 figs.
- Burgess, C.M. — 1970 — *The Living Cowries*. A.S. Barnes and Co., Inc., 389 p., 44 pls., 184 maps, New Jersey.
- Clench, W.J. — 1942 — The Genus *Conus* in the Western Atlantic. *Johnsonia*, Cambridge, 1 (6): 1-40, pls. 1-15.
- Clench, W.J. — 1944 — The Genera *Casmaria*, *Galeodea*, *Phalium* and *Cassis* in the Western Atlantic. *Johnsonia*, Cambridge, 1 (16): 1-16, pls. 1-8.
- Clench, W.J. & I.P. Farfante — 1945 — The Genus *Murex* in the Western Atlantic. *Johnsonia*, Cambridge, 1 (17): 1-58, pls. 1-29.
- Clench, W.J. & R.D. Turner — 1957 — The family Cymatiidae in the Western Atlantic. *Johnsonia*, Cambridge, 3 (36): 189-244, pls. 110-135.
- Clench, W.J. & R.D. Turner — 1964 — The subfamilies Volutinae, Zidoninae, Odontocymbiolinae and Callioteccinae in the Western Atlantic. *Johnsonia*, Cambridge, 4 (43): 129-180, pls. 80-114.
- Fausto-Filho, J.; H.H. Lima & H.R. Matthews — 1966 — Notas preliminares sobre a fauna dos bancos de lagosta no Ceará. *Arq. Est. Biol. Mar. Univ. Fed. Ceará*, Fortaleza, 6 (2): 127-130, 1 fig.
- Kempf, M. & H.R. Matthews — 1968 — Marine mollusks from north and northeast Brazil. I — Preliminary List. *Arq. Est. Biol. Mar. Univ. Fed. Ceará*, Fortaleza, 8 (1): 87-94.
- Matthews, H.R. — 1967a — Notas sobre os cipreídeos do nordeste brasileiro. *Arq. Est. Biol. Mar. Univ. Fed. Ceará*, Fortaleza, 7 (1): 15-18, 8 figs.
- Matthews, H.R. — 1967b — Notas sobre os estrombódeos do nordeste brasileiro. *Arq. Est. Biol. Mar. Univ. Fed. Ceará*, Fortaleza, 7 (1): 23-27, 7 figs.
- Matthews, H.R. — 1967c — Sobre a ocorrência de *Murex spectrum* Reeve, 1846, no litoral brasileiro (Mollusca: Gastropoda). *Arq. Est. Biol. Mar. Univ. Fed. Ceará*, Fortaleza, 7 (1): 102-103.
- Matthews, H.R. — 1967d — Notas sobre a família Xancidae no nordeste brasileiro. *Arq. Est. Biol. Mar. Univ. Fed. Ceará*, Fortaleza, 7 (2): 143-145, 5 figs.
- Matthews, H.R. — 1968 — Mollusks found in the digestive tract of the fish *Amphichthys cryptocentrus* (Valenciennes, 1837). *Proc. Malac. Soc. Lond.*, London, 38 (3): 247-250.
- Matthews, H.R. — 1969 — Notas sobre a família Volutidae no nordeste brasileiro (Mollusca: Gastropoda). *Arq. Ciên. Mar*, Fortaleza, 9 (1): 71-75.
- Matthews, H.R. — 1976 — *Moluscos brasileiros da família Strombidae (Gastropoda: Prosobranchia)*. Tese apresentada à Coordenação do

Curso de Pós-Graduação em Zoologia da Universidade do Paraná para obtenção do título de Mestre em Ciências Biológicas, 93 p., 5 figs., Curitiba.

Matthews, H.R. & A.C.S. Coelho — 1972 — Superfamília Tonnacea do Brasil. IV — Família Cassidae (Mollusca: Gastropoda). *Arq. Ciên. Mar*, Fortaleza, 12 (1): 1-16, 8 figs.

Matthews, H.R. & J.J.B. Frota — 1970 — Um caso de deformação na espécie *Murex spectrum* Reeve, 1846 (Mollusca: Gastropoda). *Arq. Ciên. Mar*, Fortaleza, 10 (1): 105-106, 1 fig.

Matthews, H.R. & M. Kempf — 1970 — Moluscos marinhos do norte e nordeste do Brasil. II — Moluscos do Arquipélago de Fernando de Noronha (com algumas referências ao Atol das Rocas). *Arq. Ciên. Mar*, Fortaleza, 10 (1): 1-53, 1 fig.

Rios, E.C. — 1975 — *Brazilian marine mollusks iconography*. Fundação Universidade do Rio Grande, 331 pp., ilus., Porto Alegre.

Sarasua, H. — 1968 — Teratologia em *Cypraea* (Mesogastropoda: Cypraeidae). *Poeyana*, Havana, série A, (56): 1-5, 2 figs.

Sowerby, G.B. — 1879 — *Thesaurus Conchiliorum, or Figures and Description of Recent Shells*, Parts XXXIII-XXXIV, *Monograph of the genus Murex*, pls. 380-403, London.

Van Mol, J.J.; B. Tursch & M. Kempf — 1967 — Mollusques Prosobranches: Les Conidae du Brésil. Étude basée en partie sur les specimens recuilles par la Calypso. *Ann. l'Inst. Oceanogr.*, Paris, VII (Part 16): 233-254, text-figs. 1-17, pls. 5-10.

Warmke, G.L. & R.T. Abbott — 1962 — *Caribbean Seashells. A guide to the marine mollusks of Puerto Rico and other West Indian Islands, Bermuda and the Lower Florida Keys*. Livingston Publishing Company, 348 p., 34 text-figs., 44 pls., 19 maps, Narbeth.

Weaver, C. S. & J. E. du Pont — 1970 — *Living Volutes. A monograph of the recent volutidae of the world*. Delaware Museum of Natural History, Monograph Series, n.º 1, 375 p., 79 pls., 43 figs., 13 maps, Delaware.